

MEMORIAL DE AIRES: A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DO PROCESSO DE ESCRITA

Sheila Katiane Staudt (UFRGS)¹

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade caracterizar a construção narrativa do último romance de Machado de Assis como uma tentativa do narrador – conselheiro Aires – de apreender suas lembranças *ad eternum* através do processo de escrita de alguns episódios marcantes de sua vida, bem como analisar em que medida o narrador contribui para a construção de uma narrativa conforme os moldes benjaminianos. Para isso, foram utilizados alguns textos teóricos que nos auxiliem quanto à questão da memória, são eles: **Lembrar, escrever, esquecer**, de Jeanne Gagnebin e **O circuito das memórias em Machado de Assis**, de Juracy Assmann Saraiva.

PALAVRAS-CHAVE: Memória . Escrita. Machado de Assis.

ABSTRACT: This paper intends to characterize the narrative construction of the last novel of the Brazilian writer Machado

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRGS e professora efetiva do IFRS *Campus* Canoas. 92412-240. Canoas, RS, Brasil. E-mail: sheila.staudt@canoas.ifrs.edu.br

de Assis as a tentative of the narrator – councilor Aires – of gathering his experiences ad eternum beyond the writing process of some remarkable episodes of his life, as well as to analyse how the narrator adds to the construction of a narrative in the same way as Walter Benjamin’s models. Some theoretical texts were searched in order to fulfil the issue about memory, they are: – **Lembrar, escrever, esquecer**, by Jeanne Gagnebin and **O circuito das memórias em Machado de Assis**, by Juracy Assmann Saraiva.

KEYWORDS: Memory. Writing. Machado de Assis.

Considerações iniciais

O sexagenário e aposentado conselheiro Aires apresenta, nesta etapa de sua vida, como que uma necessidade de “deitar ao papel” as suas lembranças mais significativas a fim de abrigá-las do esquecimento. Na primeira parte, tentaremos verificar como o processo de criação deste diário tem por finalidade primeira a preservação da memória de seu narrador-personagem.

Na segunda parte, analisaremos o tipo de narrador deste diário de memórias com base nos estudos de Walter Benjamin. O conselheiro Aires narra e participa dos acontecimentos registrados nas páginas de seu diário; portanto, a classificação proposta neste estudo visa desvelar o lugar deste singular narrador-personagem a partir da concepção benjaminiana sobre o papel e função do verdadeiro escritor de narrativas.

A escrita como perpetuação do vivido

Como já sinalizava o pensamento platônico, a escrita vem sendo o principal registro da memória nos tempos modernos. Jeanne Gagnebin em seu livro **Lembrar, escrever, esquecer** reflete sobre o *status* da escrita como meio através do qual o ser humano

preserva suas memórias: “a escrita foi, durante muito tempo, considerada o rastro mais duradouro que um homem pode deixar, uma marca capaz de sobreviver à morte de seu autor e de transmitir sua mensagem.” (GAGNEBIN, 2006, p.112).

Ao longo de toda sua obra, o conselheiro Aires preocupa-se em registrar no papel os eventos marcantes de sua vida com o principal objetivo de não os esquecer no futuro. A preocupação em escrever os detalhes mais significativos dos encontros e conversas que teve faz com que os mesmos tornem-se mais vivos em sua memória e, por vezes, deem margem a interpretações e análises outras no instante da escrita e, também, na releitura de seu texto.

A escolha pelos registros em seu diário é minuciosa e requer seleção dos principais assuntos que ficarão para a posteridade:

Ouvi com paciência, porque o assunto entrou a interessar-me depois das primeiras palavras, e também porque o desembargador fala mui agradavelmente. Mas agora é tarde para transcrever o que ele disse; fica para depois, um dia, quando houver passado a impressão, e só me ficar de memória o que vale a pena guardar. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.24)

A importância dada aos acontecimentos conservados pela memória é fato. O conselheiro Aires parece optar por escrever em seu diário apenas aquilo que não sai de sua lembrança querendo assim, perpetuar, naquelas páginas, somente os episódios que, a seu ver, merecem ser lembrados. Desta forma, percebemos o trabalho despendido por este narrador no instante de escrever suas memórias, esforço que privilegia as recordações que realmente lhe são caras.

A intervenção do narrador-personagem Aires em seu processo de escrita é constante. A autocrítica acerca de suas anotações reforça seu zelo e preocupação ao transpor suas memórias para o diário:

5 DE FEVEREIRO

Relendo o que escrevi ontem, descubro que podia ser ainda mais resumido, e principalmente não lhe pôr tantas lágrimas. Não gosto delas, nem sei se as verti algum dia, salvo por mana, em menino; mas lá vão. Pois vão também essas que aí deixei, e mais a figura de Tristão, a que cuidei dar meia dúzia de linhas e levou a maior parte delas. Nada há pior que a gente vadia, - ou aposentada, que é a mesma coisa; o tempo cresce e sobra, e se a pessoa pega a escrever, não há papel que baste. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.30-31)

O olhar lançado sobre o registro do dia anterior revela o quão exigente é este narrador ao eleger suas memórias. Aires concorda que o texto da véspera poderia ser mais curto, entretanto, acredita que esta mania de escrever tanto se deve ao fato de estar aposentado e, por esta razão, não haver papel suficiente nesta condição ociosa, permitindo que o texto continuasse da mesma forma que estava.

Por vezes, o impulso de escrever detalhadamente sentimentos e emoções vividos faz com que o conselheiro apele ao seu interlocutor – o papel – para auxiliá-lo na seleção das suas lembranças:

8 DE ABRIL

Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa do sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.38)

Como uma súplica ao seu interlocutor e confidente, o conselheiro tenta redimir-se do que escreveu anteriormente a respeito da bela viúva Fidélia, parecendo-lhe, nesta leitura, uma confissão de seu amor pela dama. Desta vez, percebemos a releitura de sua escrita como forma de esclarecer ou explicar as

rememorações selecionadas para a posteridade. Para Benjamin, “a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução” (BENJAMIN, 1986, p. 210). Sendo assim, podemos entender que o papel, propriamente dito, possui dupla função neste diário: primeiramente, como ouvinte das confissões deste narrador e, a seguir, perpetuador de suas memórias vividas.

Há um instante em que o conselheiro cogita desistir de escrever seu “diário de fatos, impressões e idéias” (ibid., p.78). Entretanto, três dias depois deste projeto passar-lhe pela cabeça, ele revela o verdadeiro motivo de estar escrevendo suas memórias:

24 DE AGOSTO

Qual! não posso interromper o *Memorial*; aqui me tenho outra vez com a pena na mão. Em verdade, dá certo gosto deitar ao papel coisas que querem sair da cabeça, por via da memória ou da reflexão. Venhamos novamente à notação dos dias. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.38)

A passagem anterior evidencia a razão singular de escrever suas memórias e reflexões no papel: não lhe escaparem da cabeça. O processo de escrita tem função particular nesta obra, já que serve como auxílio ao narrador para que este preserve suas memórias vivas e nítidas, com a mesma riqueza de detalhes com que foram experimentadas por ele outrora. Reviver o passado parece ser possível no instante em que “deita ao papel” os fatos que não merecem e, voluntária ou involuntariamente, não querem ser esquecidos. Segundo Gagnebin (2006, p.112),

quando alguém escreve um livro, ainda nutre a esperança de que deixa assim uma marca imortal, que inscreve um rastro duradouro no turbilhão das gerações sucessivas, como se seu texto fosse um derradeiro abrigo contra o esquecimento e o silêncio, contra a indiferença e a morte.

O motivo pelo qual o conselheiro Aires resolve continuar sua narrativa vai ao encontro desta reflexão de Gagnebin que imputa no texto escrito uma capacidade de proteção contra o esquecimento, um meio de perpetuar a si mesmo, já que ele, ao escrever seu diário, se encontra velho e aposentado, confundindo lembranças da juventude e, pouco a pouco, despedindo-se desta vida.

A constante releitura de sua própria escrita atua como um suporte na solidificação das memórias e lembranças queridas:

20 DE SETEMBRO

Aquele dia 18 de setembro (anteontem) há de ficar-me na memória, mais fixo e mais claro que outros, por causa da noite que passamos os três velhos. Talvez não escrevesse tudo nem tão bem; mas bastou-me relê-lo ontem e hoje para sentir que o escrito me acordou lembranças vivas e interessantes, a boa velha, o bom velho, a lembrança dos dois filhos postiços... (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.97)

Outra vez percebemos o ato de reler-se continuamente, bem como a confirmação de que, a partir deste feito, um desabrochar de recordações passadas vem à tona em sua mente, propiciando a fixação daqueles eventos escritos para sempre em sua memória. A preservação de instantes caros e memoráveis ao conselheiro torna-se possível ao ele escrever e reler os mesmos nas folhas de papel.

No dia 17 de outubro, Aires é surpreendido por seu criado José que havia acabado de encontrar papéis velhos e esquecidos por aquele e havia acreditado que fossem úteis e valiosos para o seu patrão. O encontro com estas lembranças portadoras de um passado remoto provoca algumas reflexões acerca das reminiscências afloradas pelos documentos antigos:

Eram cartas, apontamentos, minutas, contas, um inferno de lembranças que era melhor não se terem achado. Que perdia eu sem elas? Já não curava delas; provavelmente não me fariam falta.[...]

Resolvo mandar queimar os papéis, ainda que dê grande mágoa ao José que imaginou haver achado recordações grandes e saudades. Poderia dizer-lhe que a gente traz na cabeça outros papéis velhos que não ardem nunca e nem se perdem por malas antigas; não me entenderia. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.108-109)

O desinteresse mostrado pelo conselheiro para com aquela descoberta de seu criado aponta para o valor dado àquelas recordações por parte de seu dono. Ao perceber que não havia dado pela falta daquelas cartas e registros antigos, conclui não serem as mesmas importantes em sua vida, já que, nem ao menos vagamente, apareciam em sua memória. A reflexão final de Aires revela seu pensamento no que diz respeito ao que pode ou não ser recordado pelas pessoas, isto é, apenas àquilo que ainda é lembrado e reconhecido pela memória.

A partir disso, entendemos ser este processo de rememoração uma propriedade singular dos seres humanos, cuja função é armazenar e excluir acontecimentos de nosso cérebro de acordo com a importância dada às experiências vividas. Ao optar por não verbalizar esta reflexão ao seu criado José, Aires acredita ser um tanto quanto complexo para ele compreender isso, uma vez que nem mesmo o conselheiro saberia explicar com precisão o porquê desse fenômeno extraordinário que se passa em nossas mentes.

A fixação de ideias e opiniões também acontece ao serem repetidas no processo de escrita dessas lembranças. Ao contar o romance de Fidélia e Tristão, Aires repensa e reforça julgamentos sobre a moça:

A recordação do finado vive nela, sem embargo da ação do pretendente; vive com todas as doçuras e melancolias antigas, com o segredo das estreias de um coração que aprendeu na escola do morto. Mas o gênio da espécie faz reviver o extinto em outra forma, e aqui lho dá, aqui lho entrega e recomenda. Enquanto pôde fugir, fugiu-lhe, como escrevi há dias, e agora o repito, para não esquecer nunca. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.134)

As considerações acerca da bela viúva fazem com que o narrador fundamente suas concepções escritas anteriormente, agora com mais propriedade e de maneira a “não esquecer nunca”, como ele mesmo diz. A consciência de já ter escrito a mesma frase em outras páginas reitera a leitura constante de seu diário e, ao mesmo tempo, corrobora na perpetuação dessas impressões em sua memória.

Segundo Benjamin, “a memória é a mais épica das todas as faculdades” (BENJAMIN, 1986, p.210). A referência a sua boa memória pode ser vista no diálogo entre o conselheiro e D. Carmo no instante em que esta lhe confirma a data do casamento de Tristão e Fidélia: “Eu, para levar a conversa a outro ponto, insisti que não esqueço nada, e referi várias anedotas de lembrança viva, todas verdadeiras, mas da minha mocidade. Agora muita coisa me passa, muitas se confundem, algumas trocam-se.” (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.153). Neste trecho do diário, Aires parece orgulhar-se de possuir uma boa memória naquela conversa cara a cara com D. Carmo, porém, não deixa de assumir, em suas folhas de papel, que não lembra com exatidão de muita coisa do passado, visto que confunde ou, às vezes, troca eventos ou casos da sua mocidade.

Com isso, entendemos o porquê da necessidade confessa deste narrador de escrever os momentos que considera importantes nesta fase de sua vida, na qual se encontra aposentado do trabalho diplomático, possuindo tempo para, por intermédio da escrita, conservar as horas felizes nas páginas de seu diário.

Todavia, os lapsos de memória também estão registrados nas páginas de seu diário e a correção dos mesmos é feita pelo próprio narrador ao longo do processo de escrita:

10 DE AGOSTO

Meu velho Aires, trapalhão da minha alma, como é que tu comemoraste no dia 3 o ministério Ferraz, que é de 10? Hoje é que ele faria anos, meu

velho Aires. Vês que é bom ir apontando o que se passa; sem isso não te lembrarias nada ou trocarias tudo. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.74)

A imensa utilidade de suas anotações diárias fica evidente nesta retratação de Aires no que diz respeito a uma comemoração antecipada do ministério para o qual trabalhara. O diálogo consigo mesmo e a maneira de tratamento utilizada neste texto para si próprio – ‘meu velho’ – vêm ao encontro da confissão anterior, na qual afirma que trocaria tudo ou confundiria as lembranças, se caso não as anotasse em seu diário. O conselho dado a si mesmo de continuar apontando tudo no papel sinaliza para a importância deste trabalho que abriga do esquecimento recordações singulares de sua existência.

O empenho é tamanho para este narrador-personagem no que diz respeito a conservar suas experiências entre amigos que, muitas vezes, Aires cria estratégias de memorização com o propósito de perpetuar os instantes vividos mais tarde, em companhia das folhas de seu diário:

– Sei; disse-me que aceitou de alguns chefes de Lisboa elegê-lo deputado.
– Carmo, que queria prendê-lo por um ano ou mais, ficou aborrecida e triste, e eu com ela. Trocamos os nossos aborrecimentos, quero dizer que os somamos, e ficamos com o dobro cada um...
Gostei desta palavra de Aguiar, e *decorei-a bem* para me não esquecer e escrevê-la aqui. Aquele gerente de banco não perdeu o vício poético. É bom homem; creio que já o escrevi alguma vez, mas lá vai ainda agora. Não perco nada em repeti-lo. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.84, grifos nossos)

A fim de driblar as eventuais falhas de sua memória, o conselheiro faz uso de artifícios vários para manter as lembranças acesas em sua cabeça. Neste caso, Aires apreciou a palavra dita pelo amigo Aguiar e tenta decorar a mesma, visando a perpetuação posterior daquele dito

em seu diário. Novamente, o critério de seleção é a simpatia deste narrador para com o vivido, caso contrário, não haverá o registro do que ocorreu naquelas folhas de papel. O gosto pela palavra ouvida de Aguiar é o fator decisivo para guardá-la no coração e, ao mesmo tempo, na memória através da escrita da mesma.

Ainda neste trecho, o conselheiro elogia o amigo e acredita já tê-lo feito anteriormente; contudo, permite que a repetição permaneça no seu texto, já que ele não perderia nada com aquele segundo agrado a Aguiar. A leitura permanente de seus escritos favorece a recordação de reflexões e impressões do conselheiro acerca daqueles que o rodeiam. Por isso, a certeza deste narrador ao afirmar já ter dado o mesmo elogio ao amigo, em outras páginas de seu registro de memórias.

O diário parece ser o interlocutor perfeito a este narrador-personagem que aprecia, de modo geral, uma boa conversa, mas que, pelo dever da profissão, aprendeu mais ouvir que falar:

Hoje, que não saio, vou glosar este mote. Acudo assim à necessidade de falar comigo, já que não posso fazer com outros; é o meu mal. A índole e a vida me deram o gosto e o costume de conversar. A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para os seus propósitos secretos. A aposentação me restituiu a mim mesmo; mas lá vem dia em que, não saindo de casa e cansado de ler, sou obrigado a falar, e, não podendo falar só, escrevo. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.120-121)

A necessidade de expressar suas idéias e dialogar mostra-se como parte indissociável desta personagem. O processo de escrita parece trazer de volta o antigo Aires que preferia falar a ouvir, característica esta um tanto quanto velada na sua carreira diplomática. Ao transpor para o papel episódios dignos de serem lembrados, o narrador consegue 'dialogar' e expor, abertamente, impressões e opiniões pessoais que sua posição não lhe outorgava, podendo,

assim, narrar de forma espontânea acontecimentos de toda natureza. Desta forma, o diário parece ser o interlocutor ideal a este narrador-personagem que, por comodismo da idade ou vontade própria, escreve, na carência de um ouvinte que o faça.

A suspensão da escrita nas folhas de papel é motivo de explicações por parte deste narrador que tenta se redimir pela ausência durante certo período de tempo:

30 DE NOVEMBRO

Tristão convidou-me a subir às Paineiras, amanhã; aceitei e vou. Há dez dias não escrevo nada. Não é doença ou achaque de qualquer espécie, nem preguiça. Também não é falta de matéria, ao contrário. Nestes dez dias soube que novas cartas chamam Tristão à Europa, agora formalmente, ainda que sem instância; há eleições próximas. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.123)

A preocupação em retratar-se perante seu interlocutor e, até, frente a si mesmo demonstra a seriedade com que trata seu diário de memórias. O cuidado dispensado neste registro de lembranças pessoais aponta para a importância dada a este legado que lhe permite trânsito livre ao passado, período este repleto de recordações singulares de sua trajetória de vida.

Em outro momento, o narrador parece se deixar tomar pela preguiça e confessa isso nas páginas de seu diário: “Já lá vão dias que não escrevo nada. A princípio foi um pouco de reumatismo no dedo, depois visitas, falta de matéria, enfim preguiça. Sacudo a preguiça.” (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.147). Nesta segunda interrupção da escrita, o conselheiro Aires admite, após enumerar outros prováveis motivos, ter, enfim, estado com preguiça de anotar suas memórias no papel. No entanto, ele retoma a narrativa de suas lembranças, apesar da preguiça que o afligia.

Com isso, entendemos de que maneira nosso narrador-personagem faz da produção escrita um suporte para a conservação

de suas memórias. Talvez por possuir essa característica não efêmera, a escrita traga consigo essa peculiaridade de poder brincar com o tempo, por vezes retrocedendo, outras vezes parando longamente em alguma reminiscência que vale a pena ser revivida.

O narrador Conselheiro

Segundo Benjamin, em seu texto “O narrador”, “o senso prático é a principal característica de um narrador nato” (BENJAMIN, 1986, p. 200). Neste romance, o narrador-personagem Aires preza a serventia e funcionalidade de tudo aquilo que vê, escuta, aprende com os amigos, enfim, percebe com a vivência diária em meio ao círculo de pessoas com as quais se relaciona.

De maneira a elucidar esta questão, encontramos nas próprias palavras do conselheiro a sua preferência pelo jeito simples de narrar e escrever suas memórias:

Eia, resumamos hoje o que ouvi ao desembargador em Petrópolis acerca do casal Aguiar. Não ponho os incidentes, nem as anedotas soltas, e até excluo os adjetivos que tinham mais interesse na boca dele do que lhes poderia dar a minha pena; vão só os precisos à compreensão de coisas e pessoas. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.25)

Deste modo, percebemos estar este narrador-personagem de acordo com os estudos de Benjamin, pesquisador este que classifica como um bom contador de histórias aquele que valoriza a utilidade e a essencialidade do seu escrito e não os fatos sem serventia para fins de recordação.

Na concepção benjaminiana, a verdadeira narrativa:

[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa

sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. [...] O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. (BENJAMIN, 1986, p. 200)

A partir disso, é possível perceber, ao longo deste diário, inúmeros ensinamentos ou crenças da personagem Aires, na maioria das vezes, não verbalizados aos seus interlocutores, mas que se encontram nas folhas de papel – outro interlocutor importante deste singular narrador que sabe dar conselhos ao longo de sua obra.

Já nos primeiros dias de seu diário, essa característica particular de um verdadeiro narrador vem à tona na figura do conselheiro Aires em uma conversa com sua irmã Rita sobre a então desconhecida viúva Fidélia:

Antes do almoço, tornamos a falar da viúva e do casamento, e ela repetia a aposta. Eu, lembrando-me de Goethe, disse-lhe:

- Mana, você está a querer fazer comigo a aposta de Deus e de Mefistófeles; não conhece?

- Não conheço.

Fui à minha pequena estante e tirei o volume do *Fausto*, abri a página do prólogo no céu, e li-lha, resumindo como pude. Rita escutou atenta o desafio de Deus e do Diabo, a propósito do velho Fausto, o servo do Senhor, e da perda infalível que faria dele o astuto. Rita não tem cultura, mas tem finura, e naquela ocasião tinha principalmente fome. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.14)

Neste exemplo, Aires atua como um professor que detém a sabedoria e tenta transmiti-la a sua irmã Rita que, segundo suas palavras, é carente de cultura, e cabe a ele esclarecer qualquer sentido obscuro que, eventualmente, possa existir em suas palavras. O ensinamento moral, neste caso, advém de uma fonte literária, que é utilizada no seu original a fim de retirar de lá a lição que nela está

contida e não por interpretações pessoais daquela obra por parte do conselheiro, mas sim, da leitura do trecho exato no qual há uma aposta de tipo semelhante àquela sugerida por Rita ao irmão.

Frases proverbiais fundamentadas em exemplos da vida real também fazem parte desta narrativa. Ao analisar a personagem Fidélia, o conselheiro parece ver uma lágrima em seu rosto; entretanto, conclui estar errado sobre sua suposição inicial:

Também, se foi verdadeiramente lágrima, foi tão passageira que, quando dei por ela, já não existia. **Tudo é fugaz neste mundo.** Se eu não tivesse os olhos adoentados dava-me a compor outro *Eclesiastes*, à moderna, posto nada deva haver moderno depois daquele livro. Já dizia ele que nada era novo debaixo do sol, e se o não era então, não o foi nem será nunca mais. Tudo é assim contraditório e vago também. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.79, grifos nossos)

A partir de uma cena assistida *in loco*, o conselheiro desenvolve algumas verdades sobre a transitoriedade das emoções e acontecimentos vividos pelos seres humanos. As conclusões baseadas em fatos palpáveis e experimentados por ele reforçam máximas já conhecidas pelo senso comum, como, por exemplo, a fugacidade das coisas deste mundo, e acrescidas de idéias outras ao refletir um pouco mais sobre o assunto somando a imprecisão e a contradição das mesmas.

Apesar de tentar exemplificar suas reflexões e pensamentos, o conselheiro não aprofunda demasiadamente essas questões, à moda de um narrador que, como afirma Benjamin, no instante de aconselhar não responde a uma pergunta, mas sugere a continuação de uma história que está sendo narrada. Desta forma, entendemos ser Aires uma mistura entre os dois narradores propostos por Benjamin: o *marinheiro comerciante* e o *trabalhador sedentário* (BENJAMIN, 1986, p. 199). Devido à carreira diplomática, ele

adicionou ao seu repertório, histórias de suas viagens e vivência pelo mundo tal qual o marinheiro comerciante e, por outro lado, na situação em que se encontra ao escrever suas memórias – aposentado da diplomacia – torna-se um trabalhador sedentário, que ouve e relembra casos e passagens da mocidade em meio aos amigos mais íntimos.

Na condição de aposentado, este trabalhador sedentário parece escutar mais que aconselhar. Em um desses momentos de escuta e apreciação pelas histórias dos outros, o conselheiro termina sua escrita do dia 4 de abril de 1889, data esta em que foi pedido por Tristão para servir de padrinho em seu casamento, com uma lição aprendida e, ao mesmo tempo, perpetuada em seu diário:

Deu-me outros pormenores: casamento à capucha, entre onze horas e meio-dia, almoço no Flamengo, em família, e os dois serão levados à Prainha modestamente, embarcarão ali para Petrópolis. Minúcias escusadas, mas tudo se deve escutar com interesse a um coração que ama. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.154-155)

O conselheiro demonstra seu lado ouvinte nesta passagem, na qual, pacientemente, escuta os detalhes do enlace matrimonial entre a viúva Fidélia e o jovem Tristão. No final deste dia, Aires adverte como sendo um dever ouvir aos corações apaixonados de forma atenta e interessada. A recomendação deste narrador conselheiro encerra o registro das suas lembranças naquela data, mas sem maiores divagações sobre o sentimento amoroso ou acerca deste singular estado de alma que necessita de ouvidos à disposição. Seus conselhos são antes fonte de reflexões e indagações que respostas definitivas. O trabalhador sedentário surge então ao repassar um ensinamento de forma a perpetuá-lo nas folhas de papel.

É de consenso geral que os melhores ensinamentos são dados através do próprio exemplo. Nosso narrador conselheiro parece

querer ensinar, por meio da própria experiência, lições preciosas ao leitor de suas memórias:

Sempre me sucedeu apreciar a maneira por que os caracteres se exprimem e se compõem, e muita vez não me desgosta o arranjo dos próprios fatos. Gosto de ver e antever, e também de concluir. Esta Fidélia foge a alguma coisa, se não foge a si mesma. Querendo dizer isto a Rita, usei do conselho antigo, dei sete voltas à língua, primeiro que falasse, e não falei nada; a mana podia entornar o caldo. Também pode ser que me engane. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.111)

Nesta passagem, notamos o quanto os conselhos antigos são também caros a este narrador conselheiro. Aires realmente faz uso do velho anexim de maneira a não cometer uma calúnia para com a jovem viúva. Seu exemplo, ao empregar ele mesmo um conselho, sugere, com maior credibilidade, o uso irrestrito daquele adágio.

O jogo de poker – também visto como uma metáfora da obra – e sua famosa jogada denominada *bluff* é explicada pelo conselheiro com vistas a esclarecer seu leitor e a si mesmo, já que ele também desconhecia aquele novo jogo praticado até por senhoras:

Nada novo, a não ser um jogo, parece que inventado nos Estados Unidos e que ele (corretor Miranda) aprendeu a bordo. No meu tempo não se conhecia. Chama-se *poker*; eu trouxe o *mbist*, que ainda jogo, e peguei no meu velho voltarete. Parece que o *poker* vai derribar tudo. Na casa do Miranda até a senhora deste jogou.

[...] fui ouvir a explicação que me davam de um *bluff*. No *poker*, *bluff* é uma espécie de conto-do-vigário. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.65)

A novidade que cerca o estranho jogo, aprendido numa viagem pelo corretor e amigo Miranda, desperta o interesse de nosso narrador-personagem Aires. Entretanto, o marinheiro mercante que existe em sua narração aparece no instante em que o conselheiro faz

lembrar de sua importância no passado quando trouxera o *whist* para o Brasil devido às suas viagens internacionais.

Muitas vezes, o nosso conselheiro parece não distinguir os próprios conselhos de provérbios antigos. As qualidades de D. Carmo servem de mote ao aparecimento desta reflexão a respeito de como executar as tarefas em nossas vidas:

Para a boa Carmo, bordar, coser, trabalhar, enfim, é um modo de amar que ela tem. Tece com o coração.
É regra velha, creio eu, ou fica sendo nova, que só se faz bem o que se faz com amor. Tem ar de velha, tão justa e vulgar parece. [...] Também eu fiz minha diplomacia com amor [...] (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.63)

A memória falha deste narrador-personagem provoca esquecimento ou confusões de ideias, como ele mesmo afirma diversas vezes em seu diário. Essa norma prática de vida – ‘só se faz bem o que se faz com amor’ – é outra vez transmitida aos leitores através de um modelo a ser seguido e, neste caso, ele utiliza dois exemplos: o de D. Carmo e o seu próprio. Aires aproxima-se cada vez mais do narrador proposto por Benjamin, ou seja, aquele que sabe dar conselhos por meio da “substância viva da existência” (BENJAMIN, 1986, p. 200).

Várias personagens procuram o amigo e confidente Aires a fim de aconselharem-se em assuntos pessoais. Um exemplo disso é o jovem Tristão, que convida o conselheiro a um passeio nas Paineiras com o propósito de saber-lhe o que pensa sobre sua escolha amorosa:

- Não disse isto a ninguém, conselheiro, nem à madrinha nem ao padrinho. Se lho faço aqui é que não ousa fazê-lo àqueles dois, e não tenho terceira pessoa a quem o diga. Di-lo-ia à sua irmã, se me atrevesse a tanto; mas apesar do bom trato, não lhe acho franqueza igual à sua. Parece-lhe que o meu coração escolhe bem?

- Pergunta ociosa, doutor; basta amar para escolher bem. Ao Diabo que fosse era sempre boa escolha. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.124)

A confiança feita pelo jovem ao conselheiro dá mostras da confiabilidade e isenção desta personagem em comparação com as demais. É para ele que todos recorrem e desejam ouvir uma censura ou aprovação sobre determinado assunto. O narrador conselheiro assegura, de forma categórica neste diálogo, que basta amar para ter feito a escolha certa e, em se tratando daquele nobre sentimento, não haveria opção incorreta.

O olhar funcional e prático sobre a vida é lançado por este narrador conselheiro a partir de sua observação e vivência de mundo:

Já lá vão muitas páginas falei das simetrias que há na vida, citando os casos de Osório e Fidélia, [...] A vida, entretanto, é assim mesmo, uma repetição de atos e meneios, como nas recepções, comidas, visitas e outros folgares; nos trabalhos é a mesma coisa. Os sucessos, por mais que o acaso os teça e devolva, saem muita vez iguais no tempo e nas circunstâncias; assim a história, assim o resto. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.99)

De acordo com os estudos de Juracy Saraiva, “o repetitivo e o idêntico são a matéria do diário” (SARAIVA, 1993, p.182). A fim de legitimar sua teoria a respeito da vida de forma geral, este narrador cita exemplos e casos de pessoas estudadas por ele, como, por exemplo, Fidélia e seu pretendente Osório, que possuem muitas coincidências em suas histórias, justificando, deste modo, as simetrias que, segundo ele, existem na vida.

A análise frequente de seu principal objeto de estudo – a jovem viúva Fidélia – proporciona a lembrança de ensinamentos e fatos similares ocorridos outrora que são aproximados pelo nosso narrador conselheiro no registro em seu diário:

Três vezes negou Pedro a Cristo, antes de cantar o galo. [...] Por muito que se recuse deixa sempre algum gosto a paixão que a gente inspira. Ouvei isto a uma senhora, não me lembra em que língua, mas o sentido era este. E Fidélia deixaria a mesa sem chorar, como Pedro chorou depois do galo. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.53)

O acompanhamento de um tímido pretendente desta viúva desperta a intertextualidade desta ocorrência com o registro bíblico, visto que, pelo entender deste observador conselheiro, a moça negaria o pedido de casamento do advogado Osório por ser fiel ao seu falecido esposo.

O signo de morte acompanha grande parte da escrita deste diário. O conselheiro, ao acompanhar as notícias do enterro de um leiloeiro local, cita uma expressão francesa que resume, de certa forma, esse delicado momento pelo qual passamos:

23 DE MAIO

Les morts vont vite. Tão depressa enterrei o leiloeiro como o esqueci. Assim foi que, escrevendo o dia de ontem, deixei de dizer que no armazém do Fernandes achamos todos os objetos de mana Rita [...] Outra coisa que me ia esquecendo também, e mais principal, porque o ofício dos leilões pode acabar algum dia, mas o de amar não cansa nem morre. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.47)

Ao recuperar a tradição francesa para sua narrativa, Aires compartilha uma sabedoria estrangeira empregada no instante da morte, pois, como a tradução nos ajuda a entender “os mortos são logo esquecidos”. No entanto, este narrador não explica ou traduz a frase em língua estrangeira, apenas dá um exemplo prático de sua própria experiência para com o leiloeiro recém-falecido e já esquecido por ele. Além disso, o conselheiro assegura que o ofício de amar não tem fim como os ofícios comuns. Novamente, a

transmissão de um saber acerca dos sentimentos humanos, em contraposição com o materialismo, faz-se presente nas páginas de seu diário.

De acordo com o estudo de Benjamin,

[...] é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessas substâncias que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.[...] A morte é a sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva sua autoridade. (BENJAMIN, 1986, p. 207-208)

No final deste diário, Aires conversa com o desembargador Campos sobre a partida de Tristão e Fidélia para Lisboa e resume seu ponto de vista a propósito da velhice:

30 DE AGOSTO

Praia fora (esqueceu-me notar isso ontem) praia fora viemos falando naquela orfandade às avessas em que os dois velhos ficavam, e eu acrescentei, lembrando-me do marido defunto:

- Desembargador, se os mortos vão depressa, os velhos ainda vão mais depressa que os mortos... Viva a mocidade! (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.170)

Por diversas vezes, a velhice é comparada à morte neste diário de memórias. O narrador personagem Aires encontra-se aposentado e com tempo disponível para escrever suas lembranças que lhe parecem fugir da cabeça. Os inúmeros conselhos e ensinamentos escritos nesta etapa de sua vida vão ao encontro da proposta benjaminiana no que concerne à morte como permissão para tudo que o narrador pode contar. O conselheiro escreve e confessa ao papel – seu fiel interlocutor – impressões e crenças que jamais verbalizaria a outrem, já que parece estar mais próximo daquele estado singular que lhe autoriza transmitir as experiências de modo

incondicional. Aires diz: “[...] Fique isto confiado a ti somente, papel amigo, a quem digo tudo o que penso e tudo o que não penso.” (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.56)

Ensinamentos originários da literatura são uma constante ao longo de sua narrativa. Este narrador conselheiro parece preferir, na maioria das vezes, uma voz qualificada que tenha difundido algum conhecimento valioso às pessoas ao invés de suas opiniões pessoais:

Talvez eu, se vivêssemos juntos, lhe descobrisse algum pequenino defeito, ou ela em mim, mas assim separados é um gosto particular ver-nos. Quando eu lia clássicos lembra-me que achei, em *João de Barros*, certa resposta de um rei africano aos navegadores portugueses que o convidaram a dar-lhes ali um pedaço de terra para um pouso de amigos. Respondeu-lhes o rei que era melhor ficarem amigos de longe; amigos ao pé seriam como aquele penedo contíguo ao mar, que batia nele com violência. A imagem era viva, e se não foi a própria ouvida ao rei da África, era contudo verdadeira. (MACHADO DE ASSIS, 1990, p.140)

A reflexão a propósito da convivência diária entre duas pessoas é o mote para este narrador apoiar-se nos clássicos literários com o propósito de ratificar seu pensamento sobre esta questão. Aires cogita a hipótese de viver junto com sua querida irmã Rita e logo conclui que o melhor é morarem separados. Como um excelente contador de histórias, este narrador conselheiro após apontar sua situação como modelo, imediatamente, atribui um valor de verdade à passagem literária e termina com ela o registro desta data em seu diário, de modo a deixar a última palavra com a sabedoria clássica.

Com isso, entendemos ser este narrador-personagem um contador de histórias conforme nos ensina Walter Benjamin. A maneira singular de narrar os episódios de sua vida por meio de lições tiradas da própria experiência, bem como trazer por

inúmeras vezes o signo de morte ao seu texto, caracterizam o nosso conselheiro Aires como um típico narrador em conformidade com os estudos benjaminianos.

Considerações finais

A problemática da memória encontra espaço importante nesta obra de Machado de Assis. Assunto este instigante que nos faz refletir desde o título dado ao seu último romance **Memorial de Aires**, como também no formato diferenciado escolhido pelo narrador para registrar suas lembranças: em forma de diário.

Através da análise do texto propriamente dita, foi possível notar a necessidade do narrador-personagem Aires de registrar suas memórias nas folhas de papel, de modo que as mesmas não se perdessem ou se confundissem em sua cabeça. Perpetuar o vivido por meio da escrita de momentos queridos é o objetivo principal deste diário, como lemos nas próprias palavras do conselheiro.

Ao encontro desta prática estão as idéias da estudiosa Jeanne Gagnebin que retoma os estudos de Aleida Assmann a fim de nos esclarecer que, desde os tempos mais remotos, quando falamos nos termos *escrita*, *escrituração*, *inscrição* estes estão intimamente ligados à memória e à lembrança. Por isso, o estreito laço que une memória e o ato de escrever neste diário escrito pelo conselheiro Aires.

Sua condição de “velho aposentado” parece outorga-lhe o direito de transitar do presente ao passado por intermédio da releitura dessas memórias, bem como aconselhar, de certa forma, os seus leitores, já que, na condição de um verdadeiro contador de histórias aos moldes benjaminianos, Aires transmite conselhos e ensinamentos com base na própria experiência adquirida junto aos amigos que lhe são estimados.

A velhice é tema recorrente ao longo das páginas deste relato de memórias. Aires tem consciência do lugar que ocupa naquele período de sua vida, estando então afastado da diplomacia e um tanto quanto cansado devido aos seus 63 anos de idade. A referência à morte é uma das constantes do texto e aproxima-se da situação em que se encontra este narrador-personagem que, por esta razão, detém a autoridade de um contador de histórias ao repassar lições e recomendações que estão de acordo com as palavras de Benjamin quando classifica a morte como meio transmissor do saber.

As características de ambos narradores propostos por Benjamin – o trabalhador sedentário e o marinheiro comerciante – foram encontradas nesta personagem que conta histórias, ao mesmo tempo em que ouve e partilha sua sabedoria com os demais. A vivência no exterior enriquece sua bagagem de um amplo conhecimento sobre a cultura e tradição de países estrangeiros e propicia, sobremaneira, a narração de histórias de além-mar típicas do marinheiro mercante. Por outro lado, o trabalhador sedentário está no aposentado sexagenário Aires que retoma, por via das confidências escritas em seu diário, lembranças de sua mocidade, ao mesmo tempo em que escuta seus confidentes e amigos e, a partir desses exemplos, transmite um ensinamento moral ou uma sugestão prática de vida.

Referências bibliográficas.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. **Memorial de Aires**. São Paulo: Galex, 1990.

Memorial de Aires: a preservação da memória através do processo de escrita
SHEILA KATIANE STAUDT

SARAIVA, Juracy. **O circuito das memórias em Machado de Assis**. São Paulo: Edusp; São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1993.